

Florilégio brasileiro da infância: um breve olhar sobre a antologia

Ana Paula Serafim Marques da Silva*

Resumo

Do século XIX até meados do XX, eram as antologias — florilégios ou parnasos como também eram conhecidas — que concebiam o ensino de Língua Portuguesa e de Literatura. Além de contornar um modo de ensinar, elas se constituíam como formadoras de cânones nacionais (BOSI, 1995). No contexto do ensino de poesia para a infância, não era diferente. A utilização de seletas era frequente nos ambientes escolares e contribuíram para a formação do gênero no país. Nesse contexto, objetivamos apresentar o *Florilégio brasileiro da infância* (1874), do professor João Rodrigues da Fonseca Jordão (18--?-1883), uma antologia poética destinada à infância que circulou nas escolas brasileiras do ensino primário no final do século XIX. Além da apresentação da obra, analisam-se alguns poemas que integram a coletânea. Como base teórica, adotamos, principalmente, as considerações de Camargo (2001), Bordini (1991), Bosi (1995), Eliot (1988) e Alves (2017). Nesta análise, verificamos que mais que antologia, obras como a do professor Jordão configuram-se como verdadeiros arquivos literários, já que apresentam a nascente da poesia infantil no Brasil. Como resultado, verifica-se que a poesia, nesse período, servia como suporte à alfabetização e como auxílio à formação da leitura em geral.

Palavras-chaves: Florilégio brasileiro da infância; João Rodrigues da Fonseca Jordão; antologia; poesia infantil; século XIX.

* Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Doutora, Professora da Educação Básica. <https://orcid.org/0000-0002-7542-3601C>.

Florilégio brasileiro da infância: uma breve mirada a la antología

Resumen

Desde el siglo XIX hasta mediados del siglo XX, fueron las antologías, florilégios o parnasos, como también se las conocía, las que concibieron la enseñanza de la lengua y la literatura portuguesas. Además de eludir una forma de enseñar, formaron cánones nacionales (BOSI, 1995). En el contexto de la enseñanza de la poesía para niños, no fue diferente. El uso de las seletas fue frecuente en los ambientes escolares y contribuyó a la formación del género en el país. En ese contexto, pretendemos presentar el *Florilégio brasileiro da infância* (1874), del profesor João Rodrigues da Fonseca Jordão (18--?-1883), una antología poética dirigida a la infancia que circulaba en las escuelas primarias brasileñas a fines del siglo Siglo 19. Además de la presentación de la obra, se analizan algunos poemas que integran la colección. Como base teórica, adoptamos, principalmente, las consideraciones de Camargo (2001), Bordini (1991), Bosi (1995), Eliot (1988) y Alves (2017). En este análisis, encontramos que más que una antología, obras como la del profesor Jordão se configuran como verdaderos archivos literarios, ya que presentan la fuente de la poesía infantil en Brasil. Como resultado, parece que la poesía, en ese período, sirvió como apoyo para la alfabetización y como ayuda para la formación de la lectura en general.

Palabras-clave: *Florilégio brasileiro da infância*; João Rodrigues da Fonseca Jordão; antología; poesía infantil; siglo XIX.

Introdução

Desde o século XIX, há uma tradição de existência de antologias poéticas que registram a nascente poesia infantil, a saber: *Florilégio brasileiro da infância* (1874), de João Rodrigues da Fonseca Jordão (18--?-1883); *Musas das escolas* (1890), organizada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro (1855-[19--?]); *Álbum das crianças* (1896), organizada por Figueiredo Pimentel (1869-1914); *Livro das aves* (1914), organizada por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944).

Essas obras contribuíram significativamente para a construção do pensamento histórico e estético da poesia brasileira, uma vez que que essa categoria de livro acaba favorecendo o conhecimento de muitos escritores de diferentes estilos de época, tendo em vista que as antologias acabam conduzindo o leitor a diferentes obras, à descoberta de textos de poetas e poetisas desconhecidos.

Nesse cenário, objetivamos apresentar, especificamente, o *Florilégio brasileiro da infância* (JORDÃO, 1874), uma antologia poética organizada pelo professor João Rodrigues da Fonseca Jordão. Obra que foi adotada pelo Conselho Superior de Instrução Pública com a aprovação do Governo Imperial para as escolas do ensino primário e do Imperial Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Um volume raro que só é possível estudar devido ao trabalho da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, que o digitalizou e disponibilizou no *site*.¹ Da lista que disponibilizamos no início da introdução, ele é a antologia mais antiga.

No ensaio “O que é poesia menor?”, T. S. Eliot (1988) afirma que “o valor primordial das antologias, como de toda poesia, repousa no fato de serem elas capazes de proporcionar prazer, mas, além disso, deveriam servir a diversos propósitos”. Tais propósitos podem estar ligados ao fato de que as antologias são, muitas vezes, responsáveis por apresentar novos escritores e escritoras aos leitores:

¹ Para consultar o *Florilégio brasileiro da infância* (JORDÃO, 1874), acessar o *site*: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/5004/1/45000017434_Output.o.pdf.

Tais coletâneas têm um valor particular tanto para poetas quanto para leitores, ou porque apresentam a obra de um grupo de poetas que possuem algo em comum, ou porque a única unidade de seu conteúdo corresponde àquela que é dada pelo fato de todos os poetas pertencerem à mesma geração literária. (ELIOT, 1988, p. 57).

Sabendo que o *Florilégio brasileiro da infância*, por ser uma obra na qual estão presentes diversos escritores e gêneros líricos, permite construir uma visão do gênero poesia infantil, favorecendo uma revisão da sua história, além desta introdução e das considerações finais, dividimos este artigo em duas seções principais. No primeiro tópico, apresentamos o *Florilégio*, destacando os seus aspectos composicionais: folha de rosto, autores, subgêneros líricos. Na seção seguinte, realizamos algumas análises de poemas presentes na antologia.

Em termos teóricos, o trabalho encontra-se ancorado, principalmente, nas ideias, sobre o professor e sua obra, a partir de Blake (1883), de Schueler (2018) e de Camargo (2001). Para análises dos poemas, valemo-nos, principalmente, de Bordini (1991) e Coelho (2010). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo, que, conforme Gil (2002), depende de fatores que passam pela natureza dos dados coletados, instrumentos de pesquisa e pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Destarte, ressaltamos que, por se tratar de uma pesquisa histórico-literária, foi mantida a ortografia oficial da época nas citações, conforme se encontra nos livros e nos jornais.

Uma apresentação do Florilégio brasileiro da infância

Conforme o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de Augusto Blake (1883), João Rodrigues da Fonseca Jordão nasceu no Rio de Janeiro, teve uma vida dedicada ao magistério e faleceu em 1883, também no Rio de Janeiro. Segundo as pesquisas de Alessandra Schueler (2018), além de ter atuado como professor adjunto de escolas públicas entre os anos de 1860 e 1870, Jordão também trabalhou em escolas particulares e desempenhou a função de diretor e proprietário de escolas na Lagoa e em Botafogo, no Rio

de Janeiro, ao lado de sua esposa, e também professora pública e particular, Angélica de Athayde Jordão.

Ao realizarmos pesquisas no repositório da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, facilmente localizamos notas em periódicos sobre a atuação dele no magistério, como mostram as informações localizadas em *O Auxiliador da Industria Nacional: Ou Collecção de memorias e Noticias interessantes* (RJ) - 1833 a 1896, à p. 55 (Figura 1).

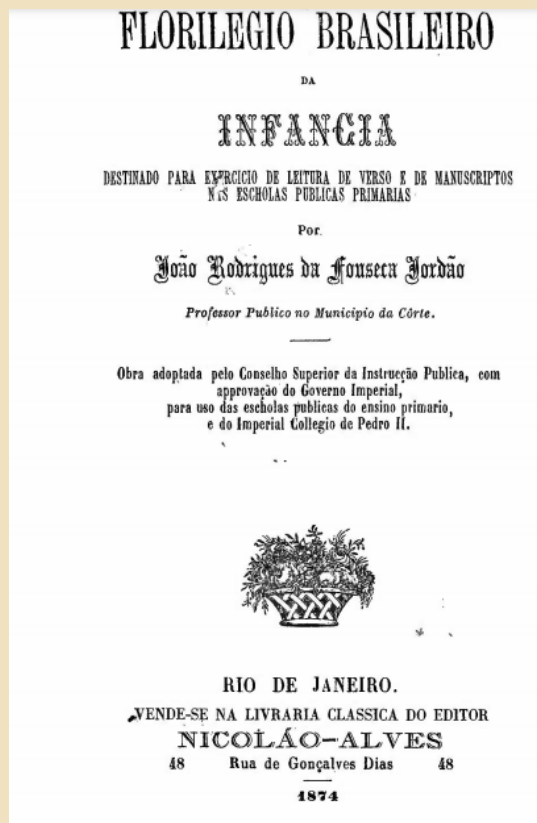
Figura 1 - Nota jornalística sobre a atuação de João Rodrigues da Fonseca Jordão

Igualmente propuzemos e foi approvado para professor da escola o Sr. João Rodrigues da Fonseca Jordão, professor de instrucção primaria da aula publica para meninos da freguezia do SS. Sacramento.

Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Não vamos estender muito a discussão sobre a vida dele, pois pouco se sabe sobre o professor Jordão. Desse modo, partiremos para a apresentação da obra. Optamos por apresentar a folha de rosto e não a capa, uma vez que as informações sobre a obra estão disponíveis na folha de rosto (Figura 2). Isso se justifica porque a capa do volume aparece lisa, sem nenhum escrito ou ilustração. Laura Benseñor Lotufo (2019) informa que as folhas de rosto, no entresséculos (XIX-XX), funcionavam como as capas, cumprindo a função de atrair o leitor.

Figura 2 - Fotocópia da folha de rosto do *Florilégio brasileiro da infância*, de João Rodrigues da Fonseca Jordão (1874)



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – Universidade de São Paulo.

Na folha de rosto, temos, ao topo, o título do volume e, logo abaixo, a seguinte frase, que funciona como uma espécie de subtítulo da obra: “destinado para exercício de leitura de verso e de manuscritos nas escolas publicas primarias”. Ao centro, localiza-se o nome do organizador do volume, seguido da sua função, servindo como complemento de sua apresentação. Logo após, há uma descrição que valida a circulação e a aquisição da obra no meio escolar: “Obra adoptada pelo Conselho Superior da Instrucção Publica, com ontentes do Governo Imperial, para uso das escolas publicas do ensino primário, e do Imperial Collegio de Pedro II”.

A partir dessa informação, o leitor tem conhecimento de que a obra foi encomendada, arquitetada, projetada e possuía destino certo: o ambiente escolar.

Ao final da página, antes dos dados da editora, há a presença de uma vinheta,² a única no exemplar. Uma cesta de flores que remete ao significado da palavra florilégio, um plural de compêndio de flores, ou seja, a presença desse elemento não se limita ao papel decorativo, já que tem relação explícita com o título da obra.

Após a dedicatória ao pai do curador do volume, há a presença de dois paratextos, intitulados “Recitação dos versos” e “Ao leitor”. No primeiro, assinado por Sr. Dr. D. J. M., é possível observar uma certa instrução relativa ao ato de recitar e ao de declamar: “Recitar é dizer em voz alta, lendo ou de cór. Declamar é recitar, ordinariamente de cór, dando ao rosto, quanto possível, expressão congruente á significação das palavras e acompanhando-as com gestos apropriados.” (D. J. M, 1874, p. 5). A partir disso, o autor do texto vai dando orientações de como ler poemas e do uso de uma postura adequada, com o objetivo de que “[...] a prática e o gosto chegue qualquer a bem recitar versos.” (D. J. M, 1874, p. 6).

Além dessa justificativa, é possível localizar a definição do que é recitar e declamar, o autor justifica a preferência de que seja orientada a recitação: “Assim, á recitação convém o tom de quem relata um facto, conta um caso; a declamação admite mais elevação, mais emphase, mais apparatus, mais animação no semblante, mais movimento, mais arte enfim.” (D. J. M, 1874, p. 5). Deduzimos que esse texto introdutório seja direcionado ao professor, já que há a orientação de como devem ser ensinadas as recitações:

[...] é necessário não desprezar as accentuações peculiares a cada especie de metrificação. E não só á fórma dos versos, sinão também ao assumpto e ás diferentes situações deve a recitação adaptar-se. A voz ha de altear-se ou diminuir, apressar-se ou retardar-se segundo os conceitos que os vocábulos exprimirem, as sensações que representarem. Muitas vezes um mesmo verso exige mais de um tom, pela diversidade de affectos n'elle comprehendidos. (JORDÃO, 1874, p. 5-6).

2 Conforme Camargo (1995), do francês *vignette* (pequena vinha), a vinheta seria uma pequena ilustração, de até cerca de um quarto do tamanho da página, que representava, na origem, cachos e folhas da videira, símbolo da abundância.

Conforme Marivaldo Omena Batista e Renata Junqueira Souza (2017), o modo como o autor dessa seção define o que é declamar e recitar oferece ao aluno-leitor possibilidades de compreender o sentimento expresso no texto poético, no âmbito escolar.

A próxima seção do exemplar é dedicada ao leitor. Nela, vemos a justificativa do autor sobre a necessidade de “[...] acostumar a infancia com o nome dos poetas nacionaes, abrindo-lhe tambem a porta para o devido apreço, em que no futuro deve ter as cousas patrias, e o dar-lhe noticia breve, mas sempre util, do que foram esses poetas [...]”. (JORDÃO, 1862/1874, p. 7). Já havia, portanto, nesses tradicionais compêndios, uma preocupação com a presença da produção de poetas locais, mesmo antes da Proclamação da República do Brasil.

Ademais, ainda na seção “Ao leitor”, tem-se mais uma orientação aos professores:

Os meus collegas, instruidos e diligentes como são, reservando a leitura deste livrinho para as classes mais adiantadas, bem poderiam aproveitar o ensejo para exercital-as no estudo das figuras grammaticaes, explicando e explanando ao mesmo tempo factos historicos, termos mythologicos, a geographia patria [...]. (JORDÃO, 1862/1874, p. 8).

Trecho que revela, sobretudo, o ensino de poesia como pretexto para o ensino de gramática, história e geografia, no mínimo.

O livro é dividido por diversos subgêneros líricos. Para deixar melhor explanado, elaboramos uma tabela contendo as formas da poesia lírica e os seus escritores:

**Tabela – Apresentação dos subgêneros líricos e dos escritores do
*Florilégio brasileiro da infância***

SUBGÊNEROS LÍRICOS	QUANTIDADE	ESCRITORES
Sonetos	27	Gregório de Mattos Guerra, Padre Francisco Ferreira Barreto, Marechal Luiz Paulino Pinto da França, Padre Antônio Pereira de Souza Caldas, José Eloy Ottoni, Conselheiro Dr. Antônio Félix Martins, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, Manoel Odorico Mendes, Cláudio Manoel da Costa, D. Delphina Benigna da Cunha, C. J. de A. Jianna (Marquez de Sapucahy), P. J. da Costa Barros, Cônego Januário da Cunha Barboza, Thomaz Antônio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, José Basilio da Gama, José da Natividade Saldanha, B. J. Tenreiro Aranha, A. G. Ferrão Castilho.
Lyras	5	Domingos Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca); Fernando Pinto da Costa.
Hymnos	12	Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, Vigario F. Ferreira Barreto, Dr. D-J. G. de Magalhães, Visconde de Araguaya, S. M. L., Padre Manoel de Souza Magalhães, Mestre era Artes J. M. Garcia, Dr. Castro Lopes, Manoel Odorico Mendes, A. F. Dutra e Mello, Bernardinho José Borges.
Odes	21	P. A. P. de Souza Caldas, J. Da Nativid. Saldanha, D. A. Felipe Camarão, Henrique Dias, Francisco Rebello, Padre A. P. de Souza Caldas, Conselho. J. B.d'Andr, e Silva, Marquez de Paranaguá, M. Alves Branco, F. Bernardinho Ribeiro, Visconde da Pedra Branca, Cláudio Manoel da Costa, Dr. J. J Teixeira, J. Gualberto F. Santos Reis, Conselheiro F. O. de A. Rosa, M. Odorico Mendes, Visconde de Araguaya.
Canções	6	M. L. da Silva Alvarenga, M. Botelho de Oliveira, A. Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Conselheiro F. O. de A. Rosa.
Dithyrambo	1	Bartholomeo A. Cordovil.
Ballata	1	J. Norberto de Souza e Silva.

Cantatas	2	Padre A. P. de Souza Caldas.
Églogas e Idyllios	3	Claudio Manuel da Costa, Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya), Dr. Joaquim José Teixeira.
Elegia	1	Conselheiro F. O. de A. A. Rosa.
Nenia	1	Firmino Rodrigues Silva.
Epicedios	3	Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguaya), Dr. Jacy Monteiro, Dr. Joaquim Serra.
Satyras	1	Gregório de Mattos.
Epistolas	2	F. Bernardinho Ribeiro, Visconde de Araguaya.
Epigrammas	3	Gregório de Mattos, Dr. J. M. de Macedo, B. J. Borges; Dr. D. J. G. de Magalhães (Visconde de Araguayã).
Allegoria	1	Marquez de Paranaguá.
Fábulas	6	Dr. Anastácio L. do Bomsucesso.
Poemas	3	José Basílio da Gama, Fr. José de S. Rita Durão, Fr. Francisco de S. Carlos.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Pela tabela, observa-se uma supremacia da autoria masculina mesclada por autores portugueses e brasileiros, formada por padres, marechais, marqueses, doutores, etc. Dessa forma, a antologia poética é composta de poetas conclamados do século XIX e de alguns nomes renomados do Barroco brasileiro, como Gregório de Matos, e do Arcadismo, como Cláudio Manuel da Costa e Thomaz Antônio Gonzaga. A presença desses nomes nesse volume revela que esses autores não só formavam o cânone de uma poesia para adultos, mas também para as crianças.

A tabela nos apresenta, também, a diversidade de formas líricas presente na coletânea, consideradas apropriadas para a infância da época. Segundo Camargo (2001), a variedade de gêneros poéticos evidencia a importância dos estudos de retórica e de poética na educação brasileira no século XIX.

Os textos não possuem ilustrações, são divididos por categorias, há uma breve explanação sobre cada um deles e, em seguida, os poemas a

que se referem, logo abaixo da composição, há o nome do autor ou alguma curiosidade acerca dele ou dos versos que se seguem. Para o gênero poema, há a seguinte definição:

São composições de grande folego.

Chamam-se *didacticos* os que dão instrução amena e facil sobre qualquer materia ou objecto de conhecimentos humanos; *épicos*, os que narram *acontecimentos*, ou *acções illustres* e grandiosas. *Heróe-comicos* os que narram *cousas pequenas e ridiculas* como se fossem grandes, por espécie de continuada ironia.

Os *poemas* ordinariamente constam da *acção principal* e de *episódios* com descrições e outros predicados de uma narrativa variada, amena e prolongada.

Chamam *episodio* á narração de qualquer facto, que por accidente, mas sempre por uma ligação natural, pende da narrativa ou acção principal. (JORDÃO, 1874, p. 271).

Configurando-se como um procedimento que orienta a recepção, essas seções introdutórias, frequentes nos livros de leitura, desempenham função essencial e podem ser, nesse caso, vistas como elementos da história da poesia e da formação de um perfil de leitor. Na explicação acima, observa-se que o autor subdivide os poemas em categorias — didáticos, épicos e herói-cômicos — para em seguida conceituar partes do poema.

Apesar das siglas, que impedem de sabermos o nome completo de alguns escritores, identificamos apenas uma mulher presente na antologia. D. Delphina Benigna da Cunha³ é autora de três sonetos, forma poética que abre a coletânea. Abaixo da nomenclatura de alguns escritores, existem notas de rodapé. No caso da poetisa supracitada, temos “A auctora, cega desde a idade de dous annos, e versejando desde a de doze, com bastante conhecimento de historia e outros ramos philologicos, é sem duvida um assombro”. (JORDÃO, 1874, p. 23).

Sobre esse apagamento feminino em antologias, José Hélder Pinheiro Alves (2017, p. 118-119) aponta: “Uma questão que sempre nos preocupa nas antologias mais abrangentes, que fazem uma seleção dos

3 Mais informações sobre a poetisa podem ser encontradas na tese *Delfina Benigna da Cunha: recuperação crítica, obra poética e fixação de texto* (2011), de Suzete Maria Santin, disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2022>.

vários séculos de nossa poesia, é o reduzido número das vozes da lírica feminina, bem como o diminuto número de poemas em quase todas elas.”⁴

No próximo tópico, apresentamos alguns aspectos composicionais dos textos presentes na coletânea em estudo.

Mergulhando nas formas líricas

A seleta organizada pelo professor Jordão apresenta 99 poemas líricos, divididos, como vimos na tabela, em diversos subgêneros. As temáticas encontradas nos textos giram em torno da exaltação ao império brasileiro, das conquistas de Portugal, do amor a Deus, da saudade, da morte, dos prazeres, etc.

Luís Camargo (2001), ao dividir a poesia infantil brasileira em três paradigmas, elucida que, em “[...] função desse forte vínculo com a escola, até os anos 60, a poesia infantil parece seguir um paradigma moral e cívico, aconselhando aos pequenos leitores o bom comportamento e o civismo”. (CAMARGO, 2001, p. 88). É nesse contexto, de obras publicadas para utilização como recurso didático, que se insere o compêndio de que estamos tratando.

Segundo Batista e Souza:

[...] o referido manual didático pertence à época do Império de D. Pedro II, cujo caderno atendia algumas perspectivas ideológicas do Governo Imperial, como, por exemplo, apresentar alguns eixos temáticos acerca da contemplação às navegações e conquistas portuguesas. Além dessas considerações iniciais, ressalva-se que *Florilégio brasileiro da infância* foi destinado a atender as expectativas de um modelo de ensino público do século XIX. (BATISTA; SOUZA, 2017).

4 Essa constatação se estende a outras antologias da época. *Musas das escolas* (1890), organizada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro, uma antologia também criada para o ensino escolar, só traz um nome feminino: Adelina Vieira. Já *Álbum das crianças* (1896), organizado pelo escritor macaense Figueiredo Pimentel (1869-1914), apresenta um espaço maior para as escritoras. Há, entre a supremacia masculina, a presença de três mulheres, a saber: Maria Rita Colaço Chiappe Cadet (1836-1885), poetisa, contista, romancista e dramaturga portuguesa, com os poemas “O batismo da boneca” e “A devoção do barqueiro”; e as poetisas brasileiras, Julieta de Melo Monteiro (1863-1928), com “Cena da roça”, e Adelina A. Lopes Vieira, “Um herói” e “O rubim”. O *Livro das aves: chrestomathia em prosa e verso* (1914), organizada por uma mulher, Presciliana Duarte de Almeida, por sua vez, conta a seguinte lista de escritoras: Julia Cortines, Zalina Rolim, Adelina A. Lopes Vieira, Aurea Pires da Gama, Maria Amalia V. de Carvalho, Maria Clara C. Santos, Auta de Souza, Candida Fortes Brandão, Ibrantina Cardona, Francisca Julia da Silva, Narcisa Amalia, Dulce Carneiro, Anna de Castro Osorio, além dos escritos da própria Presciliana Duarte de Almeida, que utiliza também seu pseudônimo, Perpetua do Valle, para outros poemas. Com essa lista bem maior que as antologias mencionadas anteriormente, Presciliana Duarte de Almeida apresenta ao leitor um panorama bem maior de escritoras atuantes na geração dela e em diferentes épocas.

Inúmeros questionamentos poderiam ser levantados, mas, para os limites deste artigo, selecionamos poemas curtos, sendo dois epigramas que se destacam, um pelo título com temática da infância, outro pelo humor, também apresentamos uma fábula, gênero fortemente presente no ambiente escolar na época.

Além de reunir poemas que não foram escritos originalmente para o leitor infantil,

o antologista procurou, segundo suas próprias palavras, ter “o maior cuidado em aproveitar o que fosse estritamente acomodado ao entendimento e à sensibilidade infantis”, incluindo, assim, poemas que tematizavam a infância ou escritos para crianças, como, entre outros “Aos Anos de uma Menina”, de Sousa Caldas (1762-1814), “A uma Menina no Dia em que Fazia 15 anos”, de Domingos Borges de Barros (1780-1855), “Preces da Infância”, de Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Esses poemas, contudo, conservam uma perspectiva adulta, visando à educação moral. (CAMARGO, 2001, p. 88).

Nesses poemas listados acima, é possível observar a forte presença do imperativo, traço predominante nas composições dessas cartilhas, ditada por “[...] uma voz poética adulta, que se dirige a um leitor infantil, utilizando o poema como veículo de educação moral.” (CAMARGO, 2001, p. 87). Ainda nessa toada de poemas com título destinado ao universo infantil, mas já seguindo um tom de humor, assinado por J. M. de Macedo, temos:

A MENINA A LA MODA

“ —Ai, Maria ! Vem depressa,
Desaperta este collete ;
Eu me suffoco. ai, já temo
Estourar como um foguete !”

“—Nhanhãsinha, está tão bella
Mas emfim dá tantos ais...”
“—Oh espera! Estou bonita ?
Pois então aperta mais.”

(MACEDO *apud* JORDÃO, 1874, p. 260).

Na estrofe inicial, vemos uma menina pedindo, possivelmente, à sua cuidadora que desaperte a roupa que usa, mas, ao ouvir que está bela, desiste do conforto e solicita que aperte mais. Como se observa, a cena apresentada em forma de diálogo destaca o uso de um adereço comum à época, voltado para realçar a beleza feminina. Seria mais voltada para crianças maiores, que chamaríamos hoje de pré-adolescentes, uma vez que apresenta uma menina preocupada com a sua aparência, não com o brincar, por exemplo.

Enquadrando-se na categoria Epigrammas, “é formado de poucos versos da mesma ou de diferente medida, nos quaes se enuncia um pensamento engenhoso, delicado, e às vezes critico e mordente, terminando sempre por uma expressão aguda ou *picant*”. (JORDÃO, 1874, p. 260) —, o poema é todo escrito em verso setissílabo, também denominado heptassílabo ou redondilha maior. Segundo Farias (2022, p. 176), “a redondilha maior, pela facilidade de memorização, se faz presente em muitas poesias infantis e isso já vem das cantigas de roda, das músicas populares, é um dos mais praticados na língua portuguesa.”

Em meio a tantos poemas com caráter moralizador, patrióticos e edificantes, encontram-se suspiros poéticos ligados ao humor, como no próximo epigrama:

P. Ouvi dizer que da Europa Voltaste feito Doutor ? !

R. Parece-te isso impossível ? É verdade, sim, senhor !

P. E por que Academia ? E qual a sciencia então ?

R. Isso não sei; o diploma É escripto em Allemão.

(autor desconhecido *apud* JORDÃO, 1874, p. 258).

São versos que, ao tematizar os estudos, trazem uma pitada de humor. Aqui, de certo modo, se reproduz uma mentalidade voltada para títulos e honrarias, embora não haja um fundamento para tanto. Destaca-se que a forma, a metrificação, foge um pouco dos modelos predominantes.

Como bem explica Coelho, “[...] a literatura oferecida ‘oficialmente’ aos educandos nas escolas obedecia ao espírito da época ou à mentalidade dominante na sociedade”. (COELHO, 2000, p. 230). Dessa forma, a produção

infantil desse período foi influenciada pelos seguintes valores ideológicos: o nacionalismo, que era a valorização da pátria e seus elementos como a língua portuguesa, culto das origens e o amor pela terra; o intelectualismo, que valorizava o estudo, os livros e o saber; o tradicionalismo cultural, que era a valorização dos grandes autores e obras literárias que serviam de modelo cultural; e o moralismo e a religiosidade, isto é, “[...] exigência absoluta de retidão de caráter, honestidade, solidariedade, fraternidade, pureza de corpo e alma, dentro dos preceitos cristãos [...]”. (COELHO, 2010, p. 224).

Como vimos na tabela presente no tópico anterior, há a presença de seis fábulas assinadas pelo Doutor Anastácio Luiz do Bomsucesso (1833-1899). Ele lança, em 1860, *Fábulas*, coletânea que reúne 200 textos que apresentam um “(alongamento narrativo e inserção no cenário narrativo da fauna e da flora brasileira) e temáticas (liberalismo, abolição da escravatura e opção pelo regime republicano)” (SANTOS, 2006, p. 98). Nesse contexto, vejamos a seguinte fábula:

O SAPOTY.

Deixado sobre a relva, o sapoty,

A doçura perdeu, — seccou, morreu

Lutando co’a miséria, e o abandono,

Morre a virtude que feliz nasceu.

(BOMSUCCESSO *apud* JORDÃO, 1874, p. 265).

No Brasil, o sapoti é encontrado com recorrência nas regiões norte e nordeste, como nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, em razão de essas localidades possuírem clima tropical, quente e úmido ou seco, favorável ao seu crescimento.⁵ Composto por dois dísticos decassilábicos, há na fábula um paralelismo entre a fruta que perde a doçura e a morte da virtude.

Na dissertação de Silva (2018), vemos como muitos escritores se valem do uso da fábula para diversificar seus textos, tendo em vista que elas

poderiam ser mais um recurso que agradaria o leitor/ouvinte, já que era um gênero de circulação em massa no período de estabelecimento da República Velha [...], considerando a trajetória tradicional que acompanhou as crianças e que há

⁵ Veja mais sobre “Sapoti” em: <https://brasilecola.uol.com.br/frutas/sapoti.htm>.

muito auxiliava a escola a formar leitores. É fácil acreditar que a revalorização da fábula composta em verso seja um bom indicativo da resistência do gênero à triagem realizada pela escola, que aceita sua validade e sua permanência em sala de aula. (SILVA, 2018, p. 84).

Apresentamos aqui poemas curtos, mas há muitos poemas longos, a exemplo de “Marília de Dirceu”, de Tomaz Antonio Gonzaga — sete estrofes da Lira VI, e mais oito da Lira III — e “O meu lar”, de Casimiro de Abreu — 13 quadrinhas. Poemas que gerações e gerações de crianças aprenderam de cor: “[...] e hoje, adultos, ainda são capazes de recitá-los inteiros. A maioria deles podem ser patriotas, mas serão na mesma proporção leitores de poesia?” (SOUZA, 2012, p. 24).

Essa poesia surge especialmente endereçada ao público infantil, com um propósito educativo e moralizador, assim trazendo poemas que desconsideram a idade e os interesses de seus destinatários, como se pode perceber neste fragmento do poema “Adeus a vida”, de F. Octaviano de A. R.:

ADEUS A' VIDA

Adeus, minha vida,

Vida sem prazer,

Fruir-te não posso;

Adeus, vou morrer

Mirrada doença

O alento me prende,

A pallida morte

Seus braços me estende.

[...]

(A. R, 1874, p. 195-196).

O poema é escrito em quartetos de versos de cinco sílabas — redondilha menor — e traz a temática da morte que não é muito comum nas obras voltadas para crianças.

Muitos textos que formam a antologia deixam à margem o fomento ao letramento literário dos elementos intrínsecos que a poesia pode ofertar,

como os jogos sonoros, as rimas e os trocadilhos. Concordamos com Bordini (1991, p. 9), quando afirma que, nesse período, “os escritores vestem-se de pedagogos para ensinar condutas dentro das convenções que empregam para adultos”. Nesse cenário, os livros, englobando os de poemas, tinham a intenção de ensinar condutas aos pequenos dentro das convenções que eram determinadas pelos adultos.

Considerações finais

Não se pode negar a importância cultural do *Florilégio brasileiro da infância* (JORDÃO, 1874), pois, mesmo que a poesia, nesse período, sirva como suporte à alfabetização e como auxílio à formação da leitura em geral, revela gostos e usos de outra época, como as variadas formas fixas, tradicionais e modernas fervorosamente utilizadas pelos poetas.

Pelos textos introdutórios, vemos que o professor não visava a apresentar a filiação dos autores escolhidos a esta ou àquela escola literária, mas focaliza o modo de ensinar poesia. Mas, mais que isso, acreditamos que a antologia pode ofertar a muitos leitores um momento único de descoberta e de apreciação poética, como afirma Alves (2017), ao relatar sua experiência ao ter contato com antologias:

Para mim, o prazer de ler uma antologia é o de encontrar novos autores, reencontrar poemas já conhecidos, descobrir outros, de poetas ou poetisas que não conhecia ou, se conhecia, ainda não havia atentado para aquele texto. As antologias me levaram a inúmeras obras, conforme já falei, auxiliando assim meu trabalho de descoberta da poesia. (ALVES, 2017, p. 128).

Nosso trabalho permitiu traçar um panorama dos versos da nossa tradição poética disponível para a infância do século XIX. Observamos, ao analisá-la, que a seleta organizada pelo professor Jordão possui raros poemas que tratam do universo infantil, pois não havia essa preocupação, que só veio a surgir um pouco mais tarde.

Depois de algumas décadas após a publicação do nosso *corpus*, escritores e escritoras produziram obras endereçadas ao público infantil com

características mais brasileiras, apresentando uma maior preocupação e qualidade para o público infantil, contribuindo, desse modo, para a afirmação e a consolidação do gênero no país.

Para citar apenas alguns nomes, pode-se dizer que Zalina Rolim, com o *Livro das crianças* (1897), foi a pioneira nesse novo modo de fazer poesia para a infância, com um volume ilustrado, abarcando o brincar e o mundo dos animais. Em seguida, a obra mista, composta por contos escritos por Julia Lopes de Almeida (1862-1934) e por poemas de autoria de Adelina A. Lopes Vieira (1850-1923), *Contos infantis* (1886). Também merece destaque o livro que se tornou *bestseller* no gênero, *Poesias infantis* (1904), de Olavo Bilac. Por fim, as obras destinadas à infância, de Presciliana Duarte de Almeida, *Páginas infantis* (1908), e a antologia que ela organizou, *Livro das aves: chrestomathia em prosa e verso* (1914).

Por fim, deixamos como proposta novos desdobramentos desta antologia ou de outras que tanto formaram leitores de poemas pelo Brasil, a análise das possíveis qualidades estéticas da poesia infantil dessa época, bem como o estudo de novos florilégios que virão a ser digitalizados e disponibilizados em acervos virtuais, o que possibilita pesquisas futuras.

Referências

ALVES, José Hélder Pinheiro. Vivências com a poesia brasileira: o trabalho com antologias. In: PEREIRA, Danglei de Castro (org.). *Nas linhas de Ariadne: literatura e ensino em debate*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 113-129.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. *O Livro das Aves: chrestomathia em prosa e verso*. São Paulo: Escolas Prof. Salesianas, 1914. 468 p.

BATISTA, Marivaldo Omena; SOUZA, Renata Junqueira. A recepção da poesia em sala de aula: uma análise diacrônica em torno das práticas de leitura. In: SINALGE, 4., 2017, Campina Grande – PB. *Anais...* Campina Grande, 2017. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/sinalge/2017/TRABALHO_EV066_MD1_SA18_ID1469_20032017171034.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. 7 v.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, Alfredo. Prefácio. 1995. In: *Antologia das Antologias*: 101 poetas. (org.). Maria Magaly Trindade Gonçalves et. al. São Paulo: Musa Editora, 2004, v4.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. A Poesia na Literatura infantil. In: CARVALHO, Barbara Vasconcelos. *Compendio da literatura infantil*, 3. ed. São Paulo: Ibep. s.d. p. 97-104.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CAMARGO, Luís. Poesia infantil no Brasil. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, [s. l.], v. 27, n. 53, p. 87-94, 2001. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. https://www.jstor.org/stable/4531150?readnow=1&refreqid=excelsior%3A140bc8315627bfc30184107431744183&seq=8#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 mar. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 5. ed. Barueri: Mande, 2010.

D. J. M. Recitação dos versos. In: JORDÃO, Rodrigues da Fonseca. *Florilegio brasileiro da infância*. Rio de Janeiro: Nicolão-Alves, 1874. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

ELIOT, T. S. O que é poesia menor? In: ELIOT, T. S. *O que é poesia menor? De poesia e poetas*. Traduzido por Ivan Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 56-75.

FARIAS, Morgana de Medeiros. *Versos para os pequeninos, de João Köpke: um tesouro literário pouco explorado*. 2022. 234 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/26122/1/MorganaDeMedeirosFarias_Tese.pdf. Acesso em: 03 mar. 2023.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORDÃO, J. R. F. Ao leitor. 1862. In: JORDÃO, J. R. F. *Florilegio brasileiro da infância*. Rio de Janeiro: Nicolão-Alves, 1874. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

JORDÃO, João Rodrigues da Fonseca *et al.* *Florilégio brasileiro da infância*: Destinado para exercício de leitura de verso e de manuscritos nas escolas públicas primárias. Rio de Janeiro: Editor Nicolau Alves, 1874. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

LOTUFO, Laura Benseñor. *Rostos tipográficos: a tipografia das folhas de rosto impressas na cidade de São Paulo (1836-1918)*. 2019. 152 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16140/tde-26112019-163108/pt-br.php>. Acesso em: 03 mar. 2023.

MACEDO, J. M. A menina a la moda. In: JORDÃO, J. R. F. *Florilegio brasileiro da infância*. Rio de Janeiro: Nicolão-Alves, 1874. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/>. Acesso em 03 mar. 2023.

PIMENTEL, Figueiredo. *Álbum das crianças*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1956.

PINHEIRO, Luis Leopoldo Fernandes. *Musas das escolas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro, 1890. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg27018/drg27018.pdf. Acesso em: 04 abr. 2023.

SANTOS, I. *A retórica de transposição da fábula para a cultura brasileira e a sua poética em livros para crianças: intencionalidades e estratégias*. 2016. 266 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103122/234225.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SCHUELER, Alessandra Frota M. *Professores primários como intelectuais da cidade: um estudo sobre produção escrita e sociabilidade intelectual*

(corte imperial, 1860-1889). *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, n. 17, 2018.

SILVA, Ana Paula Serafim M. *O universo infantil e escolar em Poesias infantis, de Olavo Bilac*. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura, Cultura e Tradução) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13072?locale=pt_BR. Acesso em: 06 abr. 2023.

Fontes primárias

NOTA jornalística sobre a atuação de João Rodrigues da Fonseca Jordão. In: *O AUXILIADOR da Indústria Nacional: ou Collecção de memorias e Noticias interessantes*. RJ - 1833 a 1896. p. 55. Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=302295&pagfis=17897&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 06 abr. 2023.